

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 32 No. 2 2019

EDIÇÃO ESPECIAL: MUSEU NACIONAL (VOLUME 1)

APRESENTAÇÃO

Em meio a uma tristeza enorme decorrente do incêndio que ocorreu no Museu Nacional, recebi o convite da Comissão Editorial para organizar o número especial da Revista de Arqueologia, como forma de apoio à instituição de formação da Arqueologia Brasileira. Após a noite de domingo, 2 de setembro de 2018, arqueólogos perderam seus cadernos de campo, formulários de pesquisas, coleções dos mais diversos tipos e formadas ao longo de anos, décadas e séculos. Fotos de campo, otólitos, fragmentos de cerâmica, sarcófagos, madeira fresca e madeira queimada foram transformados em cinzas ou nelas ficaram imersos.

Chamas atingiram nossas peças mais belas e emblemáticas que compunham as exposições. Foram tomadas pelo fogo as tangas Marajoaras, os vasilhames de Santarém, as tigelas Tupi, a malha de cota, estatuetas, lamparinas, múmias e afrescos. Vigas, armários retorcidos, pedaços de parede soterraram peças arqueológicas e formaram uma composição aterradora e iluminada pela luz solar, que passou a incidir nos destroços em decorrência da ausência de telhado. Pesquisadores olhavam incrédulos para o espaço vazio, antes o terceiro andar, onde ficavam laboratórios, gabinetes de pesquisas e salas de aula. Perdemos um lugar, a “casa” como muitos de nós chamávamos o Palácio.

Tudo estava perdido, tudo parecia perdido. Era de chorar e muitos de nós choramos. Outros, enquanto as cinzas ainda estavam quentes, decidiram entrar e recuperar tudo que fosse possível, cada fragmento de cerâmica, cravo de ferro ou pedaço de osso chamuscado. Estudaram outros casos de incêndios, pediram ajuda internacional, planejaram e traçaram inúmeras e criativas estratégias de resgate. Colocaram em suspenso as prioridades de suas vidas individuais e se dedicaram, com afinco, ao resgate. Choraram lágrimas de alegria ao localizarem a caixa de metal com ossos do crânio de Luzia, ao chegarem, entre vigas e estantes retorcidas, à reserva técnica da Arqueologia e avistarem a estante com cerâmicas amazônicas com alguns vasilhames inteiros, alguns ainda apresentando um pouco de suas cores, cerâmicas como se fossem pilares que suportavam o peso dos destroços de três andares. Alegraram-se quando imagens mostraram peças pousadas sobre uma viga que sustentava o segundo andar, objetos que pareciam aves equilibrando-se em um fio que corta o céu.

Trabalham, desde então, em regime de urgência, as botas e roupas pesadas que protegem seus corpos asseguram calor suportável somente para os que sabem da importância da missão que se incumbiram: resgatar o Museu. Em breve, a história do resgate será contada, e todos ficaremos surpresos com os resultados obtidos.

Outros colegas labutaram em outras frentes, remontar nossos laboratórios de pesquisa também é urgente. Refazer coleções de referência também é preciso. Seguir, sempre que possível, com o calendário das defesas também é necessário. Ministrando aulas, participar de reuniões, montar uma rotina, retornar à rotina de

um programa de pós-graduação também é importante. Abraçar os mais diferentes tipos de apoios que surgiram através de colegas, instituições solidárias e agências financiadoras tem que ser prioritário. Montar exposições, informar que o Museu continua existindo é fundamental. Ver o Palácio queimado, artefatos chamuscados e se acostumar com o acontecido também é necessário. Conseguir forças para prosseguir, retomar e seguir adiante é necessário. Cada um ao seu tempo e dentro de suas possibilidades, sabendo que é urgente. É urgente assegurar que o Museu Nacional viva e seja, como sempre foi, um lugar de referência no campo científico.

Quando recebi o convite da Comissão Editorial, considerei que organizar o Dossiê SAB/Museu Nacional seria uma oportunidade para mostrar a pujança da instituição, apresentar a sua força através da diversidade de temas tratados e a profundidade das pesquisas ali desenvolvidas. A ideia era mostrar os estudos que vinham sendo realizados com coleções sediadas no Palácio e demais dependências do Museu, os desafios enfrentados atualmente e perspectivas futuras. Confesso que estava apreensiva com a receptividade da proposta, porque estávamos imersos em luto e alguns de nós literalmente imersos em escombros.

A iniciativa teve adesão de muitos, recebemos um grande número de artigos e foi necessário compor dois volumes. Destaco que considero a preparação de artigos meses após o incêndio, por si só, força e determinação dos pesquisadores ligados a essa casa de ciência. A ampla adesão remete ao empenho e tenacidade dos pesquisadores dessa instituição, fala da determinação dos arqueólogos em reerguer a casa da Arqueologia. Ao compor os volumes, e para fazer jus a uma instituição que congrega diversidade de interesses científicos, buscamos assegurar um certo equilíbrio em relação aos temas e as regiões analisadas pelos autores com vistas que os volumes, em conjunto ou separadamente, sejam representativos da fecundidade da pesquisa arqueológica que é feita no Museu.

Em termos cronológicos, o primeiro volume contempla desde a ocupação pleistocênica do que é hoje o território brasileiro, passando pelo estudo de pescadores-coletores que ocuparam o litoral há mais de 7 mil anos. Aborda os tupinambá, franceses, africanos, pescadores tradicionais e as atuais redes de conhecimento. Trata da própria maneira de obter referências cronológicas e reflete sobre o futuro das pesquisas. No espectro espacial, abrange do Sul do país à Amazônia, contempla o Nordeste, estados da região sudeste, como Minas Gerais, e, como não poderia deixar de ser, um número significativo de estudos realizados no Rio de Janeiro sobre variados temas. Trata também do estado da arte de uma das disciplinas desenvolvidas na instituição e o próprio protagonismo do Museu. O dossiê SAB/Museu Nacional apresenta, dessa maneira, uma diversidade de temas e reforça importantes características da instituição – criatividade e tenacidade.

MaDu Gaspar

Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 2019